

## Os Sertões de Araraquara: análise de registros de propriedades rurais à luz da Toponímia

### The Hinterland of Araraquara: analysis of records of rural properties in the light of toponymy

Jorge Augusto LEITE\*

Odair Luiz NADIN\*\*

---

**RESUMO:** No presente artigo objetiva-se apresentar um recorte de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito da Toponímia Rural Humana, o qual ocupa-se da análise de escrituras do período entre 1855-1858 de propriedades rurais da cidade de Araraquara – SP. Nesse domínio, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos de Dick (1990; 1992), extrai-se o *corpus* a partir dos mapas oficiais do IBGE escala 1:50.000 (2010), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, e do Registros de propriedades do município de Araraquara (1855-1858), que foram analisados, segundo a motivação, seguindo o modelo taxionômico de Dick (1992). Ao entrelaçar a Toponímia com a História e a Geografia, foi atestado que elementos de natureza circundante possuem grande influência na denominação de espaços geográficos, e em pontos de referência nas cartas analisadas. Além disso, os topônimos apresentados são todos conservados até 2020, o que comprova que a partir de uma

---

**ABSTRACT:** This article aims to present an excerpt from a research under development within the scope of Human Rural Toponymy, which deals with the analysis of scriptures from the period between 1855-1858 of rural properties in the city of Araraquara - SP. In this domain, following Dick's theoretical-methodological assumptions (1990; 1992), the corpus is extracted from the official maps of the IBGE scale 1: 50,000 (2010), from the Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, and from Property records of the municipality of Araraquara (1855-1858), which were analyzed, according to motivation, following Dick's taxonomic model (1992). Intertwining Toponymy with History and Geography, it was attested that elements of a surrounding nature have great influence on the denomination of geographical spaces, and on points of reference in the analyzed letters. In addition, the toponyms presented are all preserved until 2020, which proves that from a historical-

---

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9415-7759>. [jorge.leite@unesp.br](mailto:jorge.leite@unesp.br).

\*\* Livre-Docente em Estudos do Léxico (UNESP/2018). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/2008). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4655-0724>. [odair.nadin@unesp.br](mailto:odair.nadin@unesp.br)

análise histórico-linguística, é possível compreender a verdade do nome de lugar.

linguistic analysis, it is possible to understand the truth of the place name.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sertões de Araraquara. Toponímia Rural Humana. Análise de escrituras. Propriedades rurais. Histórico-linguística.

**KEYWORDS:** The hinterland of Araraquara. Human Rural Toponymy. Scripture analysis. Rural properties. Historical-linguistic.

## 1 Introdução

O ato de nomear está presente na sociedade “desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana” (DICK, 1990a, p. 05), a partir da ação designativa o indivíduo singulariza o ser, o objeto, o sentimento ou o espaço que foi denominado. Ou seja, a atividade denominativa é, pois, uma expressão do denominador de sua realidade circundante.

Um espaço geográfico possui muitas particularidades com relação a seu nome de batismo: as crenças, os valores e a língua definem o ser humano, seu modo de ver o mundo e isso impacta nas palavras usadas pelos falantes. Qualquer pessoa sente uma certa necessidade em querer saber o que determinado lugar, ser, objeto, sentimento etc. se denominam. Afinal, é impossível existir alguma coisa sem nome ou, nas palavras de Murakawa e Nadin (2013, p. 7) “a ‘realidade’ passa a existir de fato somente depois que recebe um nome, antes ela é simplesmente ‘coisa’...”.

E esta é a função essencial do léxico de uma língua: nomear tudo que está ao nosso redor, tendo em vista que ele está em nossa consciência e, por isso, se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da nossa realidade (BIDERMAN, 2001). Todo esse conjunto de palavras de uma língua, de certa forma, registra todo o conhecimento do cosmo. O léxico configura-se em diferentes perspectivas, por meio dele, é possível investigar a história de uma comunidade, a motivação semântica de um nome próprio ou de uma expressão. Diante disso, podemos considerá-lo como o testemunho de um povo, uma vez que ele define fatos de cultura.

Este trabalho discute resultados parciais de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento, que tem como objetivo evidenciar nomes de propriedades conservadas em 2020, a partir da análise de cartas de sesmarias do Registro de Propriedades Rurais de Araraquara/SP entre 1855 e 1858. Nessa direção, o artigo propõe-se apresentar a transcrição de dez escrituras e elucidar por meio da análise o processo de motivação e de estrutura linguística, com base no modelo de Dick (1990). Para este trabalho foram selecionadas apenas dez cartas, a título de exemplo, como uma forma de descrever como ocorria o processo de aquisição das primeiras propriedades rurais no Período Colonial, bem como apresentar se houve ou não uma mudança do nome.

## **2 Pressupostos teóricos**

O estudo dos nomes de lugares, isto é, dos topônimos, revela ao pesquisador muitas informações no que diz respeito à motivação, à origem, à etimologia, à formação daquela palavra. Ao investigar a toponímia de uma determinada região, é preciso compreender o quão amplo é o seu campo de estudo, pois envolve não só a História, a Geográfica, a Linguística, mas também “a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, a Zoologia, a Botânica, a Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (DICK, 1992, p. II). Nesse aspecto, vê-se como a Toponímia é interdisciplinar, tendo em vista que ela envolve vários ramos do saber.

A Toponímia estuda os designativos geográficos e eles revelam muitas particularidades sobre suas causas denominativas, além de indicarem a transformação e significação, esplandecem a história de um espaço, a partir de um movimento artístico, por exemplo, que ocorreu na época, ou a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo (DICK, 1990), e a distribuição espacial geográfica. Além disso, eles também

tem o papel de representar as práticas empregadas pelo homem: explicita as atitudes, conhecimentos, crenças, valores de determinado grupo de falantes. Essas práticas são expressivamente representadas pelo léxico, de modo que os grupos batizam os ambientes ao seu redor, revelando sua cosmovisão e o *modus vivendi* de seu grupo (ANDRADE; NUNES, 2016, p. 165).

Ao dar nome aos lugares, o ser humano os classifica simultaneamente. No âmbito dos estudos toponímicos, considerando as diversas perspectivas que podemos seguir, Dick (1990), pioneira dos estudos no Brasil, estabelece uma classificação no que diz respeito à motivação semântica para a denominação de um lugar, a estudiosa propôs diversas taxionomias, tanto de natureza física (11 taxes), como de natureza antropocultural (16), totalizando, portanto, 27 taxes. Tais taxionomias são de grande relevância para o estudo de topônimos atualmente. Pode-se identificar, por exemplo, topônimos, cujo o acidente geográfico tem origem semântica da denominação aspectos de índole geomorfológica, como *Fazenda da Barra*, ou “características fitogeográficas do ambiente” (DICK, 1990b, p. 146), como *Fazenda Buriti*. É comum, portanto, rios, lagos, corixos, receberem no batismo um nome relacionado a acidentes hidrográficos e que contém o elemento *Água*, seja *Água Limpa*, *Águas Claras*, *Água Bela*, *Água Azul* etc. Estes elementos de índole hidrográfica estão ligados à vida do homem isolado ou em sociedade. Assim como topônimos de índole botânica, o espaço que possui grande abundância de alguma planta, pode ser motivado por aquelas características, como, por exemplo, fazendas e sítios denominados por *Palmeiras*, *Bocaiúva*, *Laranjal* etc.

Além desses elementos de natureza circundante que recebem motivação, há também modelos de sistematização de topônimos. Dauzat (1926) salienta que

A classificação das designações originárias pode fazer-se do ponto de vista da sua forma externa ou do seu sentido intrínseco. Encarada sob o primeiro ângulo, a denominação é espontânea, mais ou menos inconsciente de uma coletividade, ou sistemática, quando é devida ao ato refletido da autoridade, de um conquistador, de um fundador de cidade, etc. Pelo contrário, se apenas nos ocuparmos do sentido, os

elementos da designação podem ser extraídos quer da geografia (particularidades topográficas, etc.), quer do homem (nome de fundador, protetor, possuidor), quer de diversos caracteres abstratos ou de ordem histórica; elementos de natureza diversa podem entrar nos compostos<sup>1</sup> (DAUZAT, 1926, p. 19).

Entende-se que estes dois princípios estabelecidos por Dauzat (1926) foram utilizados como referência por Dick (1990), a qual trouxe para a realidade brasileira uma nova reflexão acerca de que certos topônimos, no que tange à sua motivação, podem ser classificados em diferentes taxionomias.

Dick (1990) concebe um modelo de categorização toponímica que considera a motivação semântica subjacente ao elemento específico do topônimo<sup>2</sup>. Nessa perspectiva, o próprio significado do nome evoca uma motivação semântica no plano sincrônico da língua. Por exemplo, no município de Araraquara – SP, há uma propriedade rural chamada *Fazenda Periquito*, ao pesquisar o significado do elemento específico, aparecem as seguintes acepções, a saber:

(pe.ri.qui.to)

sm.

1. Zool. Denominação comum à diversas spp. de aves da fam. dos psitacídeos.
2. Bot. Erva da fam. das amarantáceas (*Alternanthera paronychioides*), natural do Brasil, de flores pequenas, cultivada como ornamental; PERPÉTUA
3. N N.E. Pequeno candeeiro de folha de flandres, com pavio de algodão.
4. Bras. Hist. Adepto do integralismo.
5. Bras. O mesmo que chupão. (AULETE, 2006)

---

<sup>1</sup> La classification des désignations originaires peut se faire au point de vue de leur formation externe ou de leur sens intrinsèque. Envisagée sous le premier angle, l'appellation est spontanée, ceuvre plus ou moins inconsciente d'une collectivité, ou systematique, lorsqu'elle est due à l'act réfléchi de l'autorité, d'un conquérant, d'un fondateur de ville, etc. Au contraire, si l'on ne s'occupe que du sens, les éléments de la désignation peuvent être empruntés soit à la géographie (particularités topographiques, etc.), soit à l'homme (nom de fondateur, de protecteur, de possesseur), soit à divers caracteres abstraits ou d'ordre historique; des éléments de nature diverse puevent entrer dans les composés.

<sup>2</sup> O signo toponímico é composto por dois elementos: um termo ou elemento genérico que se refere ao acidente nomeado (como fazenda, rua, rio) e o elemento específico, o topônimo propriamente dito (Água limpa, dos Bragas, da Felicidade).

Ou seja, em uma primeira análise da motivação da denominação da *Fazenda Periquito*, leva em conta a primeira acepção “Zool. Denominação comum à diversas spp. de aves da fam. dos psitacídeos”, isto é, o nome da propriedade rural é motivado por elementos da fauna. Entretanto, não podemos considerar apenas esta forma para compreender a motivação de um elemento geográfico, há diversas possibilidades.

Os topônimos fazem parte do léxico de uma língua e, por isso, refletem a realidade cultural de uma comunidade. Esta relação entre língua e ambiente, nos mostra que o caráter descritivo dos nomes de lugares é frequentemente marcante. No que tange à toponímia rural humana, objeto de estudo desta pesquisa, Dick (1990b) discute a tipologia expressiva dos designativos geográficos e salienta que os elementos que constituem nas expressões onomásticas evidenciam a existência no signo linguístico em função toponímica, o referente como função representativa. No caso da toponímia de acidentes rurais, “nota-se a aproximação do topônimo os conceitos de ícone e símbolo sugerido pela própria natureza do acidente nomeado” (DICK, 1990b, p. 40), ou seja, existem aspectos tanto físicos como antropoculturais contidos na denominação que exprimem essas características descritivas. Desse modo, na designação de acidentes humanos, há tendências na cosmovisão do denominador que influenciam na nomeação do ambiente que o circunda, como fatores emotivos relacionados à concretização de projetos de vida na aquisição da propriedade, crenças religiosas etc.

Nesse contexto, um estudo neste viés permite identificar a história da colonização, o processo migratório e a origem dos primeiros povos. Quer dizer, os topônimos, são, de fato, os testemunhos históricos que ajudam ao estudioso a reconstituir as marcas sócio-linguístico-culturais da presença do homem no território.

Há vários documentos oficiais que um pesquisador da Toponímia pode se usufruir para realizar uma pesquisa, existem muitos caminhos de adentrar à Linguística Histórica em busca de informações dos topônimos.

O outro caminho a ser explorado, a saber, a análise linguística de nomes de lugares, tem a indubitável vantagem para o pré-historiador (da linguagem) de o referente estar localizado (com precisão) no espaço geográfico e, em casos afortunados, os (mesmos) lugares serem mencionados em fontes escritas anteriores. Nomes de lugares que incluem nomes de povoados e de traços geográficos tais como montanhas e rios, tendem, como fósseis, a sobreviver mesmo a uma total substituição da língua. Seu potencial para formar uma ligação entre a arqueologia e a linguística é, conseqüentemente, considerável (BYNON, 1995, p. 263, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Os primeiros nomes de lugares, geralmente, são mencionados a partir de fontes escritas, visto que em épocas passadas, para se apropriar de uma propriedade rural, o pleiteante deveria solicitar por meio de uma carta, já que no período de Colonização do Brasil, as solicitações ocorriam desta forma. Por isso, documentos escritos são essenciais para compreender e comprovar a verdade do nome do lugar.

Diante disso, percebe-se um profundo entrelaçamento entre Toponímia e História. Além da Etimologia, que se ocupa do estudo da origem das palavras, deve-se realizar o levantamento do maior número possível de formas de um determinado topônimo em documentos antigos e estabelecer, a partir de um estudo diacrônico, sua cronologia. Assim, é possível compreender, inclusive, se ele foi conservado ou se sofreu alterações ao longo dos anos.

A simbiose entre Toponímia e História é tão idiossincrática que é impossível não as relacionar. Não obstante, “os topônimos, muitas vezes, devem a sua origem às causas históricas – fixam nomes de proprietários ou usuários, nomes de instituições, recordando em alguns acontecimentos e fatos importantes para uma comunidade” (SERRA, 1966, p. 17).

---

<sup>3</sup> The one further avenue to be explored, namely the linguistic analysis of place-names, has the undoubted advantage to the prehistorian that the referent is squarely located in geographic space and that, in fortunate cases, places are mentioned in early written sources. Place-names, which include the names of settlements and of geographical features such as mountains and rivers, tend like fossils to survive even total language replacement. Their potential for forming a link between archaeology and linguistics is therefore considerable.

### 3 Metodologia

A análise apresentada neste texto, como dito anteriormente, é um recorte de uma pesquisa mais ampla e apresenta-se em uma perspectiva histórico-linguística topônimos conservados desde o Período Colonial em que havia o sistema de Sesmarias. Ou seja, a partir de um levantamento de Registro de Propriedades do município de Araraquara entre 1855-1858, foi comparado com a atualidade (2020), quais nomes de lugares ainda são conservados.

O processo de investigação sobre as propriedades adquiridas pelos primeiros povoadores da região revelou, por meio dos registros paroquiais, que, de 638 escrituras, 45 nomes de propriedades em Araraquara/SP foram preservados até os dias atuais. Para tanto, neste trabalho, é apresentado uma amostra de 10 escrituras, a fim de demonstrar como ocorria o processo de denominação, em relação aos referentes do ambiente.

O desenvolvimento deste estudo ocorreu em três etapas, a saber:

- a) Por meio de Registro de Propriedades do município de Araraquara (1855-1858), livro no qual se lançavam os registros das Terras da Freguesia de Araraquara, foi possível realizar o processo de inventariação de topônimos. Assim sendo, as escrituras<sup>4</sup> que foram inventariadas, foram transcritas para uma melhor visualização. Além disso, com o subsídio de um mapa hidrográfico<sup>5</sup> da região, foi possível realizar uma pequena análise sobre as propriedades registradas com os lugares designados para situar a propriedade adquirida no processo de aquisição de uma propriedade rural, a partir das cartas de sesmarias;
- b) Após feito o processo de inventariação, o passo seguinte foi inventariar propriedades rurais atualmente. Para isso, foi necessário buscar os mapas

---

<sup>4</sup> Os arquivos originais encontram-se depositados no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

<sup>5</sup> Bassanezi (2008), apresenta um mapa hidrográfico entre os anos de 1850-1950.



cartográficos de escala 1:50.000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e também consultar o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, o qual é “uma autarquia federal, cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.” (INCRA, 2020). Nesse sentido, foram inventariados, aproximadamente, 800 propriedades rurais;

- c) Por fim, ocorreu a classificação e a análise das escrituras conforme o modelo taxionômico de Dick (1992).

#### **4 Resultados**

Serão apresentadas a seguir 10 escrituras transcritas na íntegra, inventariadas do Registro de Propriedades Rurais de Araraquara (1855-1858). O tipo de transcrição adotada para esta pesquisa foi a partir das normas elencadas para transcrição de documentos manuscritos para a história do Português do Brasil, formada pelos seguintes pesquisadores, a saber: César Nardelli Cambraia (USP), Gilvan Muller de Oliveira (UFSC), Heitor Megale (USP), Marcelo Modolo (Mestrando-USP), Permínio Souza Ferreira (UFBA), Sílvio de Almeida Toledo Neto (USP), Tânia C. Freire Lobo (UFBA), Valdemir Klamt (UFSC). Nessa perspectiva, adotou-se a edição semidiplomática, isto é, a reprodução fiel do documento original em que se preserva a grafia, sinais e abreviaturas, em casos raros em que não há como se ler, utilizamos o desmembramento de abreviaturas. A esses domínios, foram utilizados os seguintes critérios:

- a) Foram mantidas a grafia original;
- b) Foram mantidas a acentuação como no original;
- c) A pontuação original foi mantida;
- d) As maiúsculas ou minúsculas utilizadas no manuscrito foram mantidas na transcrição como se apresentavam;
- e) As assinaturas foram sublinhadas.

As transcrições estão em uma tabela que contém os seguintes elementos para análise: a) Transcrição, que corresponde às cartas transcritas na íntegra; b) Elemento Geográfico, que corresponde à entidade geográfica que recebe a denominação; c) Topônimo, isto é, o elemento específico; d) Etimologia, que indica o étimo da unidade lexical, elevadas à categoria do nome próprio; e) Taxionomia, a qual registra a taxa toponímica do ponto de vista semântico, partindo de sua natureza física ou antropocultural, de acordo com Dick (1990b); f) Estrutura morfológica, esta indica a configuração do topônimo em suas diferentes categorias, a saber: elemento específico simples, elemento específico composto, elemento específico simples híbrido, e elemento específico composto híbrido.

Vale ressaltar que as cartas eram encaminhadas por escrito à uma autoridade competente<sup>6</sup>, e devia informar o local, os limites e a extensão da terra requerida. Algumas cartas possuem descrições de vários pontos de referência para poder situar o leitor, uma vez que no século XIX, os mapas eram escassos.

A título de exemplo, será apresentada uma carta de registro do topônimo Bocaiúva, nona escritura transcrita na tabela e, em seguida, as transcrições das demais cartas.

---

<sup>6</sup> A autoridade referida nesse caso é o capitão hereditário que ficou responsável pela doação das sesmarias, obedecendo às Ordenações do Reino. Como representante da metrópole, possuía alguns privilégios, como, a autonomia político-administrativa dos latifúndios.

Figura 1 – Carta de Sesmaria<sup>7</sup>.

Digo em abarço afegado, que ofereço uma parte de terras, no lugar denominado Boa Esperança, do distrito desta Villa, que as Leões e Gaur compra à dois trinta e duas de Boa de Abreu, como consta de seus títulos, devendo por um lado com dois de Boa de Abreu, e por outro com Francisco Antonio, e por outro lado com o mesmo Supplicante, uma parte de terras, com um quarto de terras; isto mais, ou menos. Araraquara, quatorze de Abril de mil oitocentos, e noventa, e seis. Arago de Trametes de Paula Francisco Joaquim Roberto Rodrigues Trine.

Joaquim Hypriano de Lamargo.

N.º 272 Numero de cento, e oitenta, e duas. e de vinte, e um de Abril de mil oitocentos, e noventa, e seis, nesta Villa de São Paulo de Araraquara, por Antonia Angelica dos Santos, me foi apresentada um título de terras do Rei, e forma seguinte. Em abarço afegado, deixo que ofereço no Parrocho de São Paulo, deste distrito uma parte de terras lavradas, e campos na fazenda do Boacaiuva, o qual deixo, com a desmarria do lagoado, Sesmaria do Cambui, Rio de Jacaré, e com Manoel José de Abreu Guimarães, havidas por herança, de meu finado marido Antonio Pais de Abreu, e por em não poder ter mais crechever, pedi a Justino Correa de Freitas, que está por mim passasse, e a meu rogo afegado-se. Araraquara vinte de Abril de mil oitocentos, e noventa, e seis. Arago de Dona Antonia Angelica dos Santos. Justino Correa de Freitas. Joaquim Hypriano de Lamargo.

N.º 273 Numero de cento, e oitenta, e três. e de vinte, e um de Abril de mil oitocentos, e noventa, e seis, nesta Villa de São Paulo de Araraquara, por José Antonio de Barros, me foi apresentada um título de terras do Rei,

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Quadro 1 – Sítio São Vicente (Carta 1).

<sup>7</sup> Esta carta corresponde ao topônimo Boacaiuva. Os originais podem ser encontrados no Arquivo Público do Estado de São Paulo;

## Transcrição

Aos trinta e hum dias do mez de Maio de mil oitocentos cincoenta e cinco, por Manoel Jacinto Pereira me foi apresentado hum título de terras cujo he o teor seguinte. Dizemos nos abaixo assignados, eu Alexandre Joze de Castilho, e minha mulher Maria Angela de Jezuz que entre os mais bens que possuimos somos Senhores e possuidores de huma sorte de terras no lugar denominado São Vicente, cujas houvemos por compra de Antonio Ferreira de Souza cujas terras vendemos a Manoel Jacinto Pereira pelo preço e quantia de oitocentos mil reis que ao fazer desta recebemos, e por isso desde já transferimos na pessoa do Senhor Pereira toda a posse, Jus e domínio que tínhamos, ficando o dito comprador obrigado a pagar a competente ciza, e por assim serem por nós vendidas as ditas terras, as suas devizas são as seguintes. Principiando na Barra do corriguinho de São Vicente do lado esquerdo do ribeirão. Seguindo pelo corrigo acima até o espigão, e subindo por ele acima athe rodear o corriguinho do barreirinho, decendo por ele abaixo até frontear com a dita barra de São Vicente e onde fecha as ditas devizas, cujas terras divizadas nos obrigam a fazer boa quando haja duvida que n'ellas apareça qualquer nulidade, e por verdade do referido mandamos passar o presente titulo quer vai por mim assignado e a rogo de minha mulher Maria Angela de Jezuz, Joze Lourenço de Oliveira, e as testemunhas Zeferino Jozé de Castilho, Agostinho Joze de Castilho. Guanhandava cinco de Dezembro de mil oitocentos cincoenta e tres. Alexandre Joze de Castilho, Agostinho Joze de Castilho, Zeferino Joze de Castilho. Joaquim Cypriano de Camargo.

Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Sítio(s)	São Vicente		Português	Hagiotopônimo	Composto

Fonte: elaborado pelos autores.

A primeira carta trata da propriedade denominada *São Vicente*, o pleiteante descreve que a propriedade se principia na barra do “Corriguinho”, que fica ao lado esquerdo do ribeirão e segue também o espigão, que um pouco mais acima rodeia o “Corriguinho do Barreirinho” até encontrar com a barra de São Vicente. Atualmente, há dois sítios com o mesmo nome. Nota-se, portanto, que a Toponímia Rural Física tem grande influência no que diz respeito aos pontos de referência e aos limites de

propriedades rurais. A motivação do nome se dá ao nome do sacerdote católico espanhol<sup>8</sup>.

Quadro 2 – Sítio Fazendinha (Carta 2).

Transcrição					
Aos dous dias do mez de Julho de mil oitocentos cincoenta e cinco, por Antonio de Almeida Leite me foi apresentado hum titulo de terras cjo he do teor seguinte. Ao abaicho assignado pertence por Escriptura publica, o citio denominado Fazendinha no discripto d’esta Villa, cuja extenção he de duas a tres legoas de fundo, e huma e meia mais ou menos de testada divisando com o rumo da Fazenda do Cambuhy e com terras de Maximiano da Costa, José Pimenta e João Francisco da Silva. Araraquara primeiro de Julho de mil oitocentos e cincoenta e cinco. Antonio de Almeida Leite. <u>Joaquim Cypriano Camargo</u> .					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Sítio(s)	Fazendinha		Português	Sociotopônimo	Simple

Fonte: elaborado pelos autores.

A segunda carta em que menciona o topônimo *Fazendinha* é um processo de Toponimização, o qual é o “emprego do designativo do acidente em função denominativa, como se fosse um nome. Essa atitude dispensava o uso de outra expressão substitutiva ou própria” (DICK, 2007, p. 463). Neste caso, uma possível hipótese para a escolha do nome é a de que a propriedade era produtiva para pastagens e criação de gado. Para tanto, *fazendas* são mais comuns para esse fim. Nessa perspectiva, a escolha do radical do elemento específico *fazend* e, ainda, mais a escolha

---

<sup>8</sup> “Celebrado a 22 de janeiro, São Vicente é, de acordo com Daix (2000, p. 182), um dos santos mais populares do Ocidente. De origem espanhola, estudou em Saragoça com o bispo Valério que, em razão de suas qualidades de orador, fez dele diácono. Durante as perseguições de Diocleciano, no início do século IV, Vicente e o bispo foram presos e levados para Valência. O diácono respondeu ao interrogatório do governador e saiu vitorioso de todas as torturas que lhe foram infligidas. O governador, no entanto, não desistiu. Continuou a mostrar-se particularmente cruel com ele e, inclusive, com o seu cadáver, depois de morto na prisão. Vicente, no entanto, foi dignamente exumado em Valência. Padroeiro de Lisboa, o seu culto é atestado em toda a Europa. A igreja de Saint- Germain-des-Prés, em Paris, foi-lhe inicialmente consagrada” (CARVALHO, 2014, p. 341).

do sufixo – *inha*, o elemento específico retoma a carga semântica do elemento genérico *sítio*, uma vez que o diminutivo reforça que a fazenda está mais para sítio do que o contrário. Além disso, no que se refere aos seus limites de extensão, o ponto de referência é a Fazenda Cambuhy, que, em 2020, é Cambuí. Atualmente, há dois sítios denominados Fazendinha.

Quadro 3 – Fazenda Jacaré (Carta 3).

<p>Transcrição</p> <p>Aos vinte e seis dias do mez de Agosto de mil oitocentos cincoenta e cinco por Joaquim Pinto de Magalhães me foi apresentado um titulo de terras cujo he do theor seguinte. Joaquim Pinto de Magalhães possui no bairro da Guanhandava hum citio de mattos e campos no lugar denominado Jacaré tendo mais ou menos tres legoas de comprido, e huma de largo possuídos por posse a dezoito anos, as quais dividem pelo lado de baixo por cima de huma barra com João da Costa Junior, e seguindo ao sul athe encontrar hum espugão, por espigão acima divisando com Francisco da Silva, Maximo de Arantes Marques, athe encontrar com terras de Jose Antonio de Castilho e com este pelo mesmo espigão athe encontrar terras de Jose Antonio de Lima e deste procurando a cabeceira de São Jose Gonsalves com este pelo mesmo espigão decendo athe encontrar as divizas de Joao da Costa Junior e por esta athe aonde teve principio. Araraquara vinte seis de Agosto de mil oitocentos e cincoenta e cinco. Joaquim Pinto de Magalhães. <u>Joaquim Cypriano de Camargo</u>.</p>					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Fazenda	Jacaré	“Do tupi iaka’re” (CUNHA, p. 370, 2010)	Tupi	Zootopônimo	Simple

Fonte: elaborado pelos autores.

A terceira carta em que o lugar é denominado *Jacaré* é o nome que mais possui escrituras. Em nosso *corpus*<sup>9</sup> há outras escrituras que mencionam o lugar *Jacaré*, ao todo

<sup>9</sup> 638 escrituras dos Registros de Propriedades Rurais do município de Araraquara entre 1855-1858.

são 84 cartas que citam rio, bairro, ribeirão, barra, lugar, sítio, fazenda, estrada, sesmaria, barreirinha e porto. Atualmente, há uma fazenda chamada Jacaré, um sítio chamado Jacarezinho e, também, um pesqueiro bastante conhecido na região. A motivação do nome é o fato de que ao lado há o Rio Jacaré. O rio recebe outros nomes dependendo de sua localidade, como Rio Jacaré-Guaçu, Rio Jacaré Pepira, Rio Jacaré Pupira e Rio Jacaré Grande. No que tange aos seus limites de extensão, não há menção de outros nomes próprios de lugares, como rios ou fazendas. Todas as referências são em relação ao nome dos possuidores das outras terras.

Quadro 4 – Sítio Chibarro (Carta 4).

Transcrição Aos deis dias do mez de Novembro de mil oitocentos cincoenta e cinco, por Maria Joaquina Rodrigues me foi apresentado hum titulo de terras para ser registrado cujo he do theor seguinte. A abaicho assignada humas terras no citio do Chibarro, cujas terras as houve por herança de seo finado marido como consta do inventário. Ditas terras se achão pró-indivizo. Araraquara, deis de Novembro de mil oitocentos cincoenta e cinco. Maria Joaquina Rodrigues. <u>Joaquim Cypriano de Camargo</u> .					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Sítio	Chibarro	“sm. ‘cabrito até um ano’ 1813. Do cast. <i>Chivo</i> . O voc. Foi usado originariamente como voz para chamar o animal e, neste sentido, é de criação expressiva” (CUNHA, p. 147, 2010)	Castelhano	Zootopônimo	Simplex

Fonte: elaborado pelos autores.

A quarta carta que trata do lugar denominado *Chibarro*, possui, ao todo, 30 escrituras que mencionam também ribeirão, bairro, sítio, lugar e varja (várzea). Na época, alguns locais que eram vistos como os melhores lugares para criação de equinos, bovinos, suínos, caprinos e ovinos, recebiam certos nomes específicos e *Chibarro* é um desses casos. Atualmente, há uma fazenda denominada por esse nome, quatro sítios e uma chácara. Não há, inclusive, nenhuma menção de outros topônimos como referência para informar os limites de extensão desta propriedade.

Quadro 5 – Fazenda Lageado (Carta 5).

Transcrição					
Aos vinte e sete dias do mez de Novembro de mil oitocentos cincoenta e cinco nesta Villa de São Bento de Araraquara por Joaquim Lourenço Correa me foi apresentado hum titulo de terras para ser registrado o qual he do theor seguinte. Eu abaicho assignado sou Senhor e possuidor das terras seguintes nesta Freguezia. Huma Sismaria com duas legoas de testada, e legoa e meia de Sertão, com a denominação de Lageado = comprada a meo Pai Jose Joaquim Correa da Rocha a quinze anos, divisando com as seguintes Sismarias; para o Norte com a Sismaria de Antonio Vaz, ao Este com a de Dona Brites Maria Gavião, ao Sul com a do Laranjal, e ao Leste com as do Ouro, e Cruzes: assim mais hum citio denominado São Lourenço = na Sismaria do Laranjal, dividindo ao norte com a Sismaria do Laranjal, digo do Lageado, a Leste com Francisco de Paula Correa, ao Sul com Antonio Ribeiro, e outros, ao Leste com Antonio Garcia, Francisco Lopes Ferraz, e outros compradas a Antonio Manoel de Siqueira e a Fabiano Ferraz; assim mais duas partes compradas a Manoel Joaquim da Silveira, e José Florencio de Marins, na Sismaria do Ouro, no Ribeirão das Cruzes, pró-indivizas. Araraquara vinte e sete de Novembro e mil oitocentos e cincoenta e cinco. Joaquim Lourenço Corrêa. <u>Joaquim Cypriano de Camargo.</u>					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Fazenda	Lageado		“De origem controversa” (CUNHA, p. 379, 2010)	Hidrotopônimo	Simple

Fonte: elaborado pelos autores.



A quinta carta menciona o topônimo *Lageado*, que é variante cartográfica-lexical de *Lajeado*. A variedade de composição dos terrenos das propriedades permitiu que um mesmo rio, por exemplo, adquirisse aspectos diferentes em seu percurso e, desse modo, foi marcado pela toponímia certas designações como é o caso deste nome. Em relação aos seus limites de extensão, percebe-se que há muitos pontos de referência, desde o nome do proprietário de uma sesmaria, até o nome próprio da sesmaria, como a do Ouro, Cruzes, Laranjal e Lageado, ou, ainda, de um sítio denominado São Lourenço. Um fato interessante é que na época havia algumas sesmarias muito famosas como a do Ouro e das Cruzes, por exemplo, e, por isso, eram pontos de referência. Atualmente, há uma fazenda denominada Lajeado e dois sítios denominados *Lageadinho*.

Quadro 6 – Fazenda Morro Vermelho (Carta 6).

Transcrição Aos doze de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis, nesta Villa de São Bento de Araraquara, por Francisco da Silva, me foi apprezentado ûns titulos de terras do theor, e forma seguinte. O abaixo assignado he prossuidor, de um uma parte de terras de curtura, no lugar, denominado Morro Vermeio, termo desta Villa, cuja parte he o valor de cem mil, quinhentos, e vinte sete reis, que lhe tocou, por herança de seu finado sogro, o finado Elias Antonio, e ainda está por repartir-se, com mais herdeiros. Araraquara onze de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis. Arrogo de Francisco de Silva. Antonio Ferras de Camargo. <u>Joaquim Cypriano de Camargo</u> .					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Fazenda	Morro Vermelho		Português	Geomorfotopônimo	Composto

Fonte: elaborado pelos autores.

A sexta carta menciona o lugar denominado *Morro Vermeio*, variante-cartográfica lexical de *Morro Vermelho*. Tal escritura não apresenta informações de pontos de referência, nem os limites de extensão do lugar. Para tanto, há uma

informação acerca do valor da propriedade. No tocante à motivação, uma hipótese é porque entre a localidade há elevações de terras e, de certa forma, o denominador escolheu por este motivo. Atualmente, o adjetivo *Vermelho* mudou para *Alto*, por conseguinte, há uma fazenda com o mesmo nome.

Quadro 7 – Sítio Cachoeira (Carta 7).

Transcrição					
<p>Ao primeiro dia do mez de Dezembro de mil oitocentos cincoenta e cinco nesta Villa de São Bento de Araraquara por Jose Francisco de Castilho me foi apresentado hum titulo de terras para ser registrado cujo he do theor seguinte. O abaicho assignado possui nesta Villa digo no Termo desta Villa huma Fazenda no lugar denominado Cachoeira. Com tres legoas de largura mais ou menos digo, legoas de comprimento, e duas de largura, tendo obtido metade delas por compra, e metade por posses sendo, compradas as diversas pessoas cujos nomes são os seguintes = Francisco Ferreira = Antonio Manoel e dos herdeiros do finado Athahide; dividindo por um lado, com Jose Domingues = Manoel Francisco = Manoel Mendes = João da Costa = Ignácio Marquez de Carvalho, e com Thomaz da Costa, Araraquara, primeiro de Dezembro de mil oitocentos cincoenta e cinco. <u>Jose Francisco de Castilho.</u></p>					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Sítio	Cachoeira	<p>“CACHÃO Sm. ‘borbotão’   <i>catchoens</i> pl. XVII   Do lat. <i>coctio -onis</i> ‘cozedura, fervura’ ‘borbulhão, borbotão’    cachoEIRA sf. ‘queda-d’água XVI    ENCachoeirADO 1899    ENCachoeirAR XX.” (CUNHA, p. 109, 2010)</p>	Português	Hidrotopônimo	Simplex

Fonte: elaborado pelos autores.

A sétima carta trata da propriedade denominada *Cachoeira*. Não há qualquer menção de lugares que referenciam seus limites de extensão. No que se refere à motivação do nome, há algumas pequenas cachoeiras entre a localidade. Nesse sentido, elementos de causa circundante, a Toponímia Rural Física, motivaram a designação do lugar. Além disso, atualmente, há um sítio denominado com o mesmo nome.

Quadro 8 – Fazenda Boa Vista (Carta 8).

Transcrição					
Aos vinte e quatro dias do mez de Dezembro de mil oitocentos cincoenta e cinco nesta Villa de São Bento de Araraquara por João da Costa Alves me foi apresentado hum titulo para ser registrado a qual he do theor seguinte. Digo eu abaicho assignado Jose Francisco da Silva que entre os mais bens que possuo com livre e geral administração e bem assim huma parte de terras na fazenda denominada Boa Esperança digo Boa Vista margem do rio Jacaré pupira termo da Villa de São Bento de Araraquara. Esta parte me coube em meação do inventario de minha finada mulher Joana Pereira desta parte acima mencionada vendo terreno de cento e quatorze alqueires e meio ao Senhor João da Costa Alves pelo preço e quantia de duzentos e vinte e nove mil reis que dou a pagamento que devo de resto da mesma Fazenda, cuja venda faço de minha espontânea vontade sem constrangimento de pessoa alguma para o que desde já lhe transfiro na pessoa de meo comprador todo direio, posse e domínio que tinha no outro terreno que as poderá lograr como suas que ficão sendo de hora a diante ficando o comprador obrigado a Siza e me obrigado a fazer boa a presente venda a toda e qualquer duvida que haja ou possa haver e passar escriptura publica quando me for pedida e por ser isto de minha vontade pedi a Jose Joaquim da Conceição e Souza que esta por mim passasse e que a meo rogo assignasse o Senhor Jose Joaquim de Sousa visto eu não saber ler nem escrever. Boa Esperança quinze de Dezembro de mil oitocentos cincoenta e cinco. Assignou arrego do vendedor o Senhor Jose Francisco da Silva. Jose Joaquim de Souza. Testemunha Joaquim Antonio de Lima. Testemunha presente que esta passei e vi assignar Jose Joaquim da Conceição e Souza. Testemunha Jose Antonio Ramos de Lima. <u>Joaquim Cypriano de Camargo.</u>					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Fazenda	Boa Vista		Português	Animotopônimo Eufórico	Composto

Fonte: elaborado pelos autores.

A oitava carta menciona a propriedade rural denominada *Boa Vista*, Animotopônimo Eufórico (ISQUERDO, 1996, p. 118). Como referência a seus limites de extensão, há a menção do Rio Jacaré Pupira. Há outras 23 escrituras que mencionam o nome Boa Vista, que citam bairro, sítio, fazenda, ribeirão e córrego. Atualmente, há 9 sítios com o mesmo nome, e um sítio com mais um complemento denominado Bela Vista do Lajeado. Em relação à motivação, elementos de natureza antropocultural que trazem sensações boas para o denominador influenciaram na escolha do nome.

Quadro 9 – Sítio Bocaiúva (Carta 9).

Aos vinte, e um de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis, nesta Villa de São Bento de Araraquara, por Antonia Angelica dos Santos, me foi appresentado ûns titulos de terras do theor, e forma seguinte. Eu abaixo assignada, declaro que possuo no Bairro do Saltinho, deste districto ûma parte de terras lavradas, e campos na fazenda do Bocaiuva, o qual divide, com a sismaria do lageado, sismaria do Cambui, Rio do Jacaré, e com Manoel Jozé de Abreu Guimarães, havidas por herança, de meu finado marido Antonio Pais de Arruda, e por eu não saber lêr nem escrever, pedi a Justino Corrêa de Freitas, que esta por mim passasse, e a meu rogo assigna-se. Araraquara vinte de Abril de mil oitocentos, e cincoenta, e seis. Arrogo de Dona Antonia Angelica dos Santos. Justino Correa de Freitas. <u>Joaquim Cypriano de Camargo</u>					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Sítio	Bocaiuva	“sf. ‘variedade de palmeira’   <i>bocayuba</i> 1734, <i>bocayuva</i> 1792, <i>bocayúva</i> 1817   Do tupi <i>moka’iua’</i> (CUNHA, p. 94, 2010)	Tupi	Fitotopônimo	Simple

Fonte: elaborado pelos autores.

A nona carta menciona o lugar denominado *Bocaiuva*. No que se refere aos pontos de referência é citado a “sismaria do lageado, sismaria do Cambui” e Rio do Jacaré. Além disso, é mencionado o nome dos proprietários. A motivação se deu em virtude de que entre estas localidades, há algumas plantas que, provavelmente, influenciaram na designação. Atualmente há três sítios com a mesma denominação.

Quadro 10 – Sesmaria do Ouro (Carta 10).

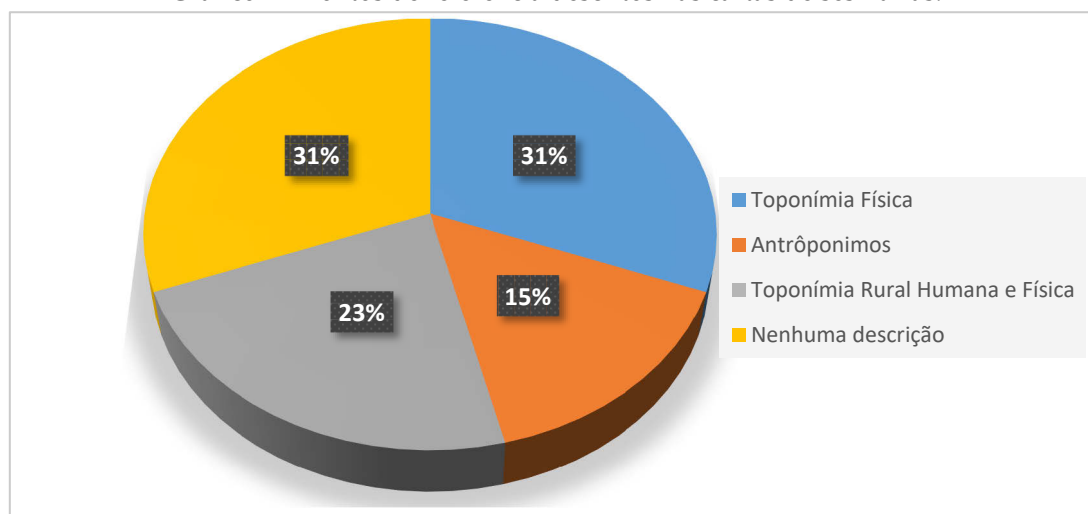
Transcrição					
Aos vinte, e seis de Abril de mil oitocentos, e cinquenta, e seis, nesta Viila de São Bento de Araraquara, por Joaquim Alberto de Vasconselhos, me foi apprezentado, ûns titulos de terras do theor, e forma seguinte. Diz Joaquim Alberto de Vasconsellos, que he possuidor de ûma parte de terras de matos, na sismaria do Ouro, o qual houve por herança de meu antecessor, cujas terras são mais, ou menos, setenta, e cinco alqueires, sendo minhas trinta, e cinco, e meio, e o resto são dos Orphos, que estão de baixo da minha proteção, cujas terras se achão, pro indivizo. Araraquara vinte de Abril de mil oitocentos, e cinquenta, e seis. Joaquim Alberto de Vasconsellos. <u>Joaquim Cypriano de Camargo.</u>					
Elemento geográfico	Topônimo	Etimologia	Língua de Origem	Taxionomia	Estrutura morfológica do topônimo
Fazenda	Sesmaria do Ouro		Português	Dimensiotopônimo	Composto

Fonte: elaborado pelos autores.

A décima carta menciona a propriedade denominada *Sesmaria do Ouro*. Há mais 16 escrituras que citam sesmaria, ribeirão, fazenda e córrego. Atualmente, há uma fazenda e um sítio com o mesmo nome. No que tange à motivação, elementos de causa circundante, como topônimos de origem mineral ou constituição do solo, tiveram grande influência na denominação. Além disso, esse nome é uma das Sesmarias mais conhecidas da época. Atualmente há tanto fazendas, como sítios entre as localidades das sesmarias e o córrego, com o adjetivo *Ouro* + complemento, como *Ouro Verde* e *Ouro Fino*.

No gráfico que se segue poderão ser atestadas as propriedades rurais que possuem pontos de referência na descrição das escrituras.

Gráfico 1 – Pontos de referência descritos nas cartas de sesmarias.



Fonte: elaborado pelos autores.

Diante da análise, percebe-se que 40% das propriedades rurais analisadas, no que diz respeito aos seus pontos de referência para situar os respectivos limites de extensão, os *Hidrotopônimos* são os elementos que mais se sobressaem na descrição, o que indica que a Toponímia Rural Física tem grande influência na denominação. Por sua vez, 20% tem como referência o próprio nome dos proprietários do lugar, e não o nome do terreno. Já a Toponímia Rural Humana e Física possui 30% de descrição de pontos de referência, e indica que os ambientes físico e social são valorizados. Por fim, 40% das propriedades rurais, não possuem nenhuma menção de pontos de referência.

## 5 Considerações finais

Considerando que esta pesquisa é apenas um recorte, ela tem se mostrado produtiva até o momento e apontou a importância da Toponímia como forma de resgate e conservação da memória e da história de uma cidade.

O estudo da Toponímia é de caráter interdisciplinar, uma vez que adentramos em várias áreas do saber. Nessa pesquisa, em especial, a História e a Geografia formam uma simbiose em relação à investigação linguística. O estudo dos nomes próprios por meio de Registros de Propriedades Rurais permite remontar o nosso passado e as nossas origens. Ao reconstruir a memória coletiva a partir de cartas foi possível compreender minimamente como ocorria o processo de aquisição de terras no Período Colonial.

No que tange à motivação dos nomes das propriedades rurais, percebe-se que a Toponímia Rural Física e Humana revela o aspecto descritivo do estudo do nome de lugar e que além de serem pontos de referência, foram conservados até 2020. Nesse sentido, percebeu, por meio dessa amostragem, que a Toponímia Rural Humana dos Sertões de Araraquara parece possuir uma maior resistência na conservação dos nomes próprios de lugares.

## Referências

- ANDRADE, K. dos S.; NUNES, V. R. (2016). Cultura e identidade no estudo dos nomes de lugares. **Revista GTLex**, 1 (1), 164-183, 2016. <https://doi.org/10.14393/Lex1-v1n1a2015-10>
- AULETE, C.; VALENTE, A. L. dos S. **Aulete Digital–Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006.
- BASSANEZI, M. *et al.* **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: USP, p. 81-118, 1998. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>
- BYNON, T. Can there ever be a Prehistorical Linguistics. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 5, n. 2, p. 261-265.

CAMBRAIA, C. N. *et al.* Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil. **Para a História do Português Brasileiro**, v. 2, p. 552-555, 2001.

CARVALHO, A. P. M. de. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. 2014. 822 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DAUZAT, A. **Les noms de lieux**. Origine et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, M. V. de P. A. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. de P. A. Toponímia e Antroponímia no Brasil. **Coletânea de Estudos**. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK, M. V. de P. A. A Terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume III. Campo Grande: Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 459-471.

IBGE. Mapas Municipais Censo Demográfico (2010) escala 1:50.000. Disponível em: [ftp://geofp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_para\\_fins\\_de\\_levantamentos\\_estatisticos/censo\\_demografico\\_2010/mapas\\_municipais\\_estatisticos/](ftp://geofp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/). Acesso em: abr. 2020.

INCRA, FAO. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: <http://www.incra.gov.br>. Acesso em: abr. 2020.

ISQUERDO, A. N. **O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sócio-Cultural**. Tese (Doutorado). Araraquara: UNESP, 1996.

MURAKAWA, C. A. A.; NADIN, O. L. **Terminologia**: uma ciência interdisciplinar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. (Série Trilhas Linguísticas).

SÃO PAULO, Governo do Estado. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SERRA, P. **Três alíneas de onomástica**. Aveiro, Portugal: Labor, 1966.



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Artigo recebido em: 29.09.2020

Artigo aprovado em: 17.11.2020